

DESIGUALDADE MATERIAL E ESPACIAL EM “OS TRANSPARENTES”, DE ONDJAKI



MATERIAL AND SPATIAL INEQUALITY IN “TRANSPARENT CITY”, BY ONDJAKI

Letícia Vital Ferreira¹

Resumo: O presente artigo pretende discutir a questão do espaço no romance “Os transparentes” (2013), de Ondjaki, a fim de ampliar as discussões acerca desse proífico escritor em língua portuguesa, aprofundando os estudos sobre este romance em específico, texto mais politicamente explícito do autor. Procura-se discutir, a partir de uma visão sistêmica, o modo como a desigualdade social aparece refletida nos espaços do romance, destacando-se as diferenças entre locais destinados à elite e aos trabalhadores, e ao acesso permitido ou negado a cada um deles. Destacam-se, também, os aparatos de resistência mobilizados pelas camadas mais pobres na construção de comunidades em seus próprios espaços. Para isso considera-se a presença de elementos do sistema capitalista na produção literária, tal qual proposto por Eagleton (2011) e WReC (2020). Essa perspectiva, no entanto, não invalida a metodologia de busca ativa das representações materiais nos próprios textos. A partir dessa análise, conclui-se que as contradições do sistema capitalista aparecem na caracterização dos espaços do romance e na dificuldade de acesso aos mesmos que marca a classe mais baixa. Encontra-se também, no entanto, formas de resistência coletivas no PrédioDaMaianga, ambiente comunitário de onde se origina um possível novo futuro após a destruição da cidade.

Palavras-chave: Ondjaki; Literatura angolana; Representação do espaço; “Os transparentes”.

Abstract: This article intends to discuss the issue of space in the novel “Transparent city” (2013), by Ondjaki, in order to expand discussions about this prolific writer in Portuguese, deepening studies on this specific novel, the most politically explicit text in the author. We seek to discuss, from a systemic view, the way in which social inequality appears reflected in the spaces of the novel, highlighting the differences between places intended for the elite and workers, and the access allowed or denied to each of them. Also noteworthy are the resistance apparatuses mobilized by the poorest layers in the construction of communities in their own spaces. To achieve this, the presence of elements of the capitalist system in literary production is considered, as proposed by Eagleton (2011) and WReC (2020). This perspective, however, does not invalidate the methodology of actively searching for material representations in the texts themselves. From this analysis, it is concluded that the

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1231204826575444>, Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3597-9428>, E-mail: leticia.vital.ferreira@usp.br.

contradictions of the capitalist system appear in the characterization of the spaces in the novel and in the difficulty of accessing them that marks the lower class. However, we also find forms of collective resistance in PrédioDaMaianga, a communal surrounding where a possible new future originates after the city's destruction.

Keywords: Ondjaki; Angolan literature; Literary spaces; “Transparent City”.

Introdução

“Os transparentes” (2013), de Ondjaki, narra a história de uma Luanda ficcionalizada a partir de um narrador onisciente que acompanha diversas personagens habitantes desta cidade. As personagens se dividem em dois grandes grupos: os trabalhadores e os membros da elite político-econômica. A distinção entre esses grupos não se baseia, no entanto, somente nas suas ocupações sociais, mas está conectada, em grande parte, aos espaços que ocupam. Enquanto a camada mais elevada da sociedade ocupa locais apresentados como indiferentes aos problemas estruturais da cidade, os mais pobres são cercados por dificuldades e enxergam as soluções às suas dificuldades materiais como impossibilidades. Essas inconsistências refletem justamente “a noção de que a miséria e seu cimento [...] não são acidentes ou resíduos, mas parte integrada no movimento rotineiro da dominação do capital” (SCHWARZ, 2008, p. 81).

Podemos compreender essa confluência de períodos através da Teoria do Desenvolvimento Combinado e Desigual de Trotsky (1930), segundo a qual a imposição do capitalismo em sociedades não (totalmente) capitalizadas provocou não a substituição do sistema preexistente pelo modo de produção capitalista, mas sim a união de ambos, o que, por sua vez, gerou uma contradição persistente entre formas arcaicas e contemporâneas nas chamadas (semi)periferias (WREC, 2020, p. 32). Tendo em mente um quadro teórico segundo o qual a literatura não é somente um texto, mas também uma forma de produção social que se relaciona com as demais facetas da sociedade (EAGLETON, 2011, p. 109), entendemos a literatura como “[...] uma prática social que se revela na importância dada aos fatos históricos que ela procura abarcar, problematizar e não simplesmente refletir” (ROCHA E SILVA, 2011, p. 9-10) e, portanto, acreditamos no diálogo entre as obras de arte e as realidades socioeconômicas de territórios inseridos neste contexto de (semi)periferialidade: “Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma

determinada sociedade em certo período. Assim posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana” (ALMEIDA; OLANDA, 2008, p. 8).

No caso do romance de Ondjaki (2013), portanto, podemos estabelecer interlocuções entre a escrita da Luanda ficcionalizada e o contexto de capitalismo neoliberal selvagem no qual a obra foi escrita. Ao investigar a questão do espaço na narrativa, destacamos também a (im)possibilidade das personagens pobres acessarem determinados locais e as formas possíveis de resistência à exclusão a que estão submetidas.

Espaço e deslocamento

Os espaços no romance “Os transparentes” são de extrema importância para a caracterização das personagens e o desenvolvimento do enredo – dentre eles o mais importante é o que engloba todos os demais, Luanda, cidade representativa da nação angolana tanto no imaginário social quanto na literatura nacional (MACÊDO, 2006, p. 179). No entanto, o romance inicia-se justamente com a destruição da capital angolana, acontecimento tornado ainda mais violento devido à humanização da cidade, que luta pela sobrevivência perante nossa leitura – “a cidade ensanguentada, desde as suas raízes ao alto dos prédios, era forçada a inclinar-se para a morte e as flechas anunciadoras do seu passamento não eram flechas secas mas dardos flamejantes que o seu corpo, em urros, acolhia em jeito de destino adivinhado [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 11).

É notável, contudo, que a cidade já possuía rachaduras visíveis e invisíveis antes do golpe final (ou inicial?) do incêndio: por um lado, as feridas visíveis eram causadas, dentre outros motivos, pelas escavações desenfreadas do subsolo; por outro, as fissuras ocultas consistiam nas barreiras sociais que impregnavam as relações, tratam-se de fronteiras de classe, impedindo o contato entre aqueles que deveriam ser membros de uma mesma nação.

[...] de acordo com Martins (1997, p.150), a fronteira “à primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si [...] a um só tempo é o lugar de descoberta do outro, e de desencontro. O desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um [...]. O desencontro nas fronteiras é o desencontro de temporalidades históricas”. A fronteira está, portanto, nos homens (ALMEIDA, 2017, p. 104).

As barreiras socioeconômicas entre as personagens perpassam todo o romance e podem ser exemplificadas através de duas residências, descritas de maneiras muito diferentes, que aparecem ao longo do texto – de um lado, a casa do Ministro e de Pomposa, sua esposa; e, de outro, a do Carteiro.

O local onde mora o Ministro é visitado pelo Cego e pelo VendedorDeConchas², que acreditava poder conseguir vender suas conchas a preços mais elevados para Pomposa. Após atravessarem passeios esburacados – característica ligada à degradação do ambiente –, chegam a “um largo pacato com casas vastas, casas de muatas, com guardas à porta” (IDEM, IBIDEM, p. 58), onde “pela porta aberta viam-se o jardim da casa, a relva curta com desenhos lindos que o vendedor apreciava por fazerem conjunto com as flores [...] móveis brilhantes da varanda, uma pequena garrafeira com whisky, gin e Martini” (IDEM, IBIDEM, p.61). Pela descrição, presumimos se tratar de uma região indiferente à falta de água e de energia que afetam tantas personagens menos abastadas, como exposto por outra personagem, ZéMesmo: “[...] viver aqui ao pé do chefe é que é cuia, nunca falta água nem luz, qual gerador é esse?, nem precisamos! é só a luz bazar, toda a cidade às escuras, e nós nada!” (IDEM, IBIDEM, p. 50). A outra situação extrema que observamos é a representada pelo musseque no qual vive o Carteiro.

[...] há anos que o trajeto era este, os seus pés conduziam-no automaticamente a casa, no escuro ou sob a luz de tantos lugares, o Carteiro entrava em seu musseque, cruzava várias casas, curvava por becos de chão irregular e molhado por águas imundas, e antes de chegar a casa atravessava a enorme montanha de lixo que dividia, na realidade, dois musseques, um riozinho de água escura desenhava no chão curvas que imitavam, com muita boa vontade, um enorme mapa de Angola [...] (IDEM, IBIDEM, p. 372)³.

A descrição do caminho percorrido pelo Carteiro ganha maior potência crítica a partir da associação entre o mapa de Angola e a água suja. Por sua vez, parece haver ainda uma aproximação entre a miniatura disforme do país e a ideia de fronteiras, pois os musseques são separados justamente por esta imagem que deveria representar um território unificado. A discrepância sócio-geográfica entre as regiões em que habitam o Carteiro e o Ministro demonstra uma das formas como o poder econômico e político de

² As personagens de “Os transparentes” cujos nomes e alcunhas possuem mais de uma palavra são transcritos, na obra, sem o espaçamento. São exemplo disso o VendedorDeConchas, já mencionado, o jornalista PauloPausado, os fiscais DestaVez e DaOutra, dentre outros.

³ Na obra de Ondjaki, as letras maiúsculas são utilizadas somente para nomes próprios. Além disso, também a pontuação não segue a gramática normativa: são raros os pontos finais e frequentes os parágrafos terminados em vírgula.

poucos se sobrepõe à dignidade da população e, somada à ideia de separação contida na fronteira entre os musseques, surge a reflexão acerca da impossibilidade de livre acesso aos ambientes da cidade. Pode-se considerar, então, que essa cisão é uma espécie de atualização da diferença entre as cidades do colonizado e do colonizador, tal qual sugerida por Fanon (1961, p. 33):

O mundo colonizado é um mundo dividido em dois. [...] essas formas estéticas do respeito à ordem estabelecida criam em redor do explorado uma atmosfera de submissão e de inibição que diminui consideravelmente as forças da ordem. [...] O intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não mitiga a opressão, nem encobre mais o domínio da ordem.

Respeitadas as especificidades do sistema colonial, descrito por Fanon, e da atualidade neoliberal, inerente à literatura de escritores contemporâneos como Ondjaki, podemos avaliar ambos como formas vinculadas ao modo de produção capitalista e, portanto, compreendê-los como facetas temporalmente separadas de um mesmo projeto social de exploração e opressão.

A presença dos extremos discutidos acima mostra justamente o contraste entre as condições de vida na região abastada e nos demais locais. Há naturalização da situação anômala vivenciada constantemente pelo Carteiro – na narração, nota-se o uso do pretérito perfeito do indicativo como índice da constância com que a personagem enfrentava essas situações, o que também fica explícito através do uso dos termos “há anos” e “automaticamente”. Em contraponto, o VendedorDeConchas e o Cego sentem estranhamento quando estão na região abastada, perceptível na admiração relatada: “– mais-velho, se você ainda pudesse espreitar esse jardim... até dá alegria de uma pessoa olhar” (IDEM, IBIDEM, p.61) – no entanto, o jovem e o mais-velho são expulsos desse território desconhecido assim que terminam suas funções na qualidade de trabalhadores:

- não têm mais que fazer?
 - estamos só a descansar, dona
 - e não podem ir descansar noutra parte? ali na casa do chinês há mais sombra
 [...]
 - vamos só em frente, aqui não nos querem mais - falou baixinho o Cego (IDEM, IBIDEM, p. 64-65).

A presença atípica de personagens pobres em espaços burgueses é uma anomalia no desenvolvimento do romance e, exatamente por isso, “[...] estabelece o contraste necessário para ressaltar o confinamento do pobre nos lugares menosprezados. A

exceção sublinha a norma [...]. Não apenas a norma social refletida na ficção, mas norma literária que manifesta a estrutura do livro” (CANDIDO, 1972, p. 30). Esse tratamento pode ser percebido também em relação ao Carteiro, cujo trabalho prevê grande mobilidade – ainda assim, o mesmo é rechaçado em determinados ambientes, especialmente quando tenta ser ouvido em relação às suas demandas de melhores condições de trabalho.

o Carteiro tentava entregar as suas cartas na entrada de uma clínica privada, importunando os médicos que chegavam nos seus jipes
– ó homem, vá trabalhar – respondeu um médico, pouco bem-disposto
– mas se é isso mesmo, senhor doutor, se é isso mesmo que eu quero... [...]
já os guardas vinham perguntar do episódio, se o médico precisava de ajuda, se se trataria de um maluco disfarçado de Carteiro, ou de um bêbado insistente, mas logo reconheceram o Carteiro (...) (ONDJAKI, 2013, p. 198-200).

As cenas mencionadas também expõem incongruências do sistema capitalista – enquanto na casa do Ministro, por exemplo, as garrafas de bebidas importadas estão em exposição, os pobres da cidade sofrem com falta de água para as atividades mais básicas. Da mesma forma, os médicos da clínica privada chegam ao local de trabalho com automóveis, mas rechaçam o Carteiro por demandar uma forma de deslocamento condizente com sua profissão. Parte considerável das contradições do capitalismo tardio está justamente na existência de possibilidades materiais para a diminuição das dificuldades enfrentadas pelo proletariado e, ainda assim, simultaneamente, a manutenção desnecessária da precariedade em suas condições materiais de vida. Vale notar, no entanto, que a existência de condições diversas das enfrentadas possibilitam alternativas utópicas ao estado atual.

A história moderna tem sido uma narrativa criteriosa sobre bem-estar material, valores liberais, direitos civis, política democrática e justiça social, e um pesadelo brutal. Essas duas narrativas de maneira alguma estão separadas. A condição dos pobres é intolerável, em parte, porque os recursos para aliviá-la existem em abundância. [...] A mudança social é necessária por causa do lamentável estado do planeta, mas também possível devido aos avanços materiais (EAGLETON, 2016, p. 244).

Os diferentes níveis de mobilidade das personagens são mais um índice revelador das desigualdades a que parte da população está submetida: dentro do núcleo das personagens trabalhadoras, somente o Carteiro e o VendedorDeConchas conseguem se deslocar até regiões mais abastadas, mas isso só ocorre quando estão trabalhando –

desde o momento em que deixam de servir às elites, seja porque suas funções se encerraram, seja porque demandam tratamentos melhores, passam a ser tratados de modo truculento.

Tampouco é frequente a presença de personagens da elite política e financeira nos locais tipicamente associados às personagens pobres. No entanto, é perceptível que seus deslocamentos são mais fáceis e que suas motivações possuem caráter dúbio, quando não explicitamente imoral – o Ministro vai ao PrédioDaMaianga em busca de um local afastado para seus encontros extraconjugais, já os fiscais DestaVez e DaOutra estabelecem relações econômicas questionáveis com comerciantes locais, patrocinando empreendimentos paralelos irregulares, como o cinema no terraço do Prédio e a IgrejaDaOvelhinhaSagrada.

Ainda sobre os diferentes graus de deslocamentos dentro do romance, vale a pena mencionar a questão dos automóveis, que aparecem constantemente em “Os transparentes”. Embora associados à ideia de modernidade - “[Odonato estava] registrando visualmente a proliferação de cartazes de publicidade moderna que anunciavam os telefones e os jipes mais recentes e mais caros do mundo [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 238) –, é necessário compreender a “modernidade” como proliferação das desigualdades, as quais, por sua vez, possuem relação com a coexistência de elementos de diferentes momentos históricos (WREC, 2020, p.35). No romance de Ondjaki, a falta de oportunidades equivalentes a todos pode ser associada a essa coincidência de realidades típicas de diferentes períodos históricos. Afinal, se por um lado há proliferação de carros, por outro as camadas mais baixas da população se deslocam a pé pela cidade de Luanda. Esse é o caso do VendedorDeConchas e do Carteiro, que percorrem longos caminhos durante o dia para realizar seus trabalhos; consideramos que o próprio ofício do primeiro pode ser associado a um momento histórico anterior (afinal, ele mergulha no mar para pegar conchas e vendê-las), e que o segundo tem plena noção de que seu trabalho poderia ser realizado com menor desgaste pessoal e mais eficiência se pudesse usufruir de um veículo motorizado, ou mesmo de uma bicicleta - os representantes do poder, no entanto, consideram esta proposição absurda.

[...] explicava a carta que tendo as entidades competentes analisado o curioso pedido tinham decidido negar a cedência do veículo, em nome da realidade que assistia outros carteiros nacionais que, esses sim, até em províncias muito mais

sofridas de declives e inclinações, continuavam o normal exercício das suas funções sem nunca, até ao momento, terem perdido tempo e gastado papel com pedidos que poderiam vir a ser considerados absurdos senão mesmo, dependendo de quem os recebia e interpretava, ofensivos (ONDJAKI, 2013, p. 373-374)

Ainda em relação à representação dos veículos na narrativa, é frequente que as menções aos carros (viaturas) sejam colocadas lado a lado a descrições sobre um trânsito quase imobilizador, como nas citações “[...] arrancaram, seguindo Makulusu acima, na lentidão possível que o tráfego autorizava” (IDEM, IBIDEM, p.171), “[...] depois de duas horas num trânsito intenso e barulhento [...]” (IDEM, IBIDEM, 276), “o motorista desligou a sirene, o trânsito estava impossível, as viaturas quase não se deslocavam. uma volta ao quarteirão, ou duas, poderia demorar mais de quarenta e cinco minutos [...]” (IDEM, IBIDEM, p. 33). A este respeito, é possível que haja uma leitura contrária à idealização destes símbolos da “modernidade” significando “evolução” – a imobilidade causada pelo excesso de carros se soma, então, ao incêndio causado pela exploração de petróleo, ambos elementos da modernidade que destroem aos poucos a cidade.

[...] a cidade estava um caos com obras novas e antigas a acontecer ao mesmo tempo, mais as tais escavações da CIPEL, mais os buracos para instalação de televisão a cabo, mais os buracos da chuva e os buracos abertos que nunca ninguém se lembrara de pavimentar e os dos miúdos que viviam no subsolo da cidade e que agora, coitados, deveriam ser expulsos pela vinda da nova canalização ou mesmo pela instalação da perigosa maquinaria que deveria extrair o petróleo, [...] (IDEM, IBIDEM, p. 104).

É curioso, ainda a este respeito, que a única menção de um veículo em associação à ideia de velocidade ocorre em uma cena envolvendo DomCristalino: “Cristalino chegou pontualmente à casa do Ministro, apesar do trânsito caótico e sem dispor de uma viatura com sirene” (IDEM, IBIDEM, p. 175) – é como se somente para o capital privado a modernização estivesse ocorrendo de maneira positiva, como desenvolvimento, e não como agravamento do subdesenvolvimento. É graças a essa imobilidade dos representantes do Estado frente à potência da elite financeira que Luanda é assassinada aos poucos, não somente pelo grande incêndio, mas principalmente pelo sistema econômico adotado, muitas vezes disfarçado em um discurso evolucionista que, no entanto, pouco faz pelas (semi)periferias.

Significa que bens e serviços de um certo tipo estão aumentando. Pode haver mais exportação de borracha e café, pode haver mais carros sendo importados

com os lucros. Mas o lucro vai para o exterior, e a economia se torna mais e mais dependente das metrópoles. [...] as únicas coisas que se desenvolveram foram a dependência e o subdesenvolvimento (RODNEY, 1973, p. 369).

(Ainda) um espaço de coletividade

A Luanda ficcionalizada se cerca em uma lógica de desigualdade, exclusão e individualidade – se isso pode ser interessante para as elites, cercadas de privilégios e ganhos pessoais, a representação dos mais pobres estabelece o oposto: “[a] individualização é [...] uma aventura para a maior parte de grupos fragilizados pelas mudanças sociais e econômicas: desempregados, trabalhadores informais, o novo proletário do setor terciário, agricultores sem-terra, indivíduos com empregos sazonais, entre outros. A individualização pode ser sinônimo de deriva rumo à exclusão social” (ALMEIDA, 2009, p. 213).

Em oposição a esse individualismo reinante, encontra-se o PrédioDaMaianga. A descrição estrutural do Prédio poderia levá-lo a ser entendido como degradado: existe uma caixa para o elevador, mas a mesma encontra-se vazia, obrigando seus moradores a subirem diversos lances de escada; há a presença de uma inundação eterna no primeiro andar; além da infinidade de antenas de televisão no terraço – “ali dormiam quietas ou bailavam ao vento as inúmeras antenas, as de antigamente, envelhecidas, tortas ou mesmo cambaleantes, e as mais recentes, pequenas e grandes, parabólicas, dessas que apanham notícias e vozes de outros lugares mais internacionais [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 47).

No entanto, muito mais do que um espaço de destruição, o edifício é tratado como um ser vivo que possibilita a união e a comunidade – “O Prédio tinha sete andares e respirava como uma entidade viva [...] com passagens comunicantes de comportamentos autônomos, e mesmo os seus moradores procuravam respeitar cada canto, cada parede e cada vão de escadas” (IDEM, IBIDEM, p. 14). Além disso, são muitos os momentos nos quais esse organismo parece proteger e amparar os merecedores – “o prédio tinha este dom de acolher quem entendesse dever acolher [...]” (IDEM, IBIDEM, p.173), receptividade essa que fica ainda mais aparente nas águas misteriosas da eterna inundação, que, além de servirem “[...] a finalidades múltiplas, dali saía a água para o prédio todo, o negócio de venda por balde, lavagem de roupa e viaturas [...]” (IDEM,

IBIDEM, p. 14), também apresentam “inexplicáveis poderes de relaxamento” (IDEM, IBIDEM, p. 242) dos quais toda a comunidade usufrui. De maneira similar é descrito o terraço do Prédio, “lugar aberto e desarrumado, frequentado por quem lá quisesse ir” (IDEM, IBIDEM, p. 47).

No entanto, tanto as águas do primeiro andar quanto o terraço são considerados mal-utilizados pelos fiscais DestaVez e DaOutra – os gêmeos sugerem a mercantilização do terraço com a transformação do mesmo em cinema com sessões pagas, além de criticarem a presença das águas livremente utilizadas pela comunidade. Tudo isso se dá, entretanto, porque o Prédio aparece na função de oposição à lógica individualista e egocêntrica que parece dominar o resto da Luanda de “Os transparentes”, na qual o desejo por ganhos financeiros individualizados acaba por destruir toda a cidade.

As personagens que habitam o PrédioDaMaianga, de forma geral, agem de modo a auxiliar uns aos outros – “Cremos que não seria exagero cogitar nesses territórios sítios potenciais de resistências, intervenção e de tradução decorrentes das estratégias de diferenças” (ALMEIDA, 2017, p.109). Exemplos dessa posição de resistência à lógica externa são frequentes na obra: é o caso da participação de todos quando CienteDoGrã, filho de Odonato, é baleado e escondido no prédio; ou mesmo quando os vizinhos ajudam a família a pagar os policiais com comida em troca de notícias (que nunca chegam) do mesmo Ciente. Mesmo MariaComForça, que no início da narrativa se nega a “fazer caridades”, acaba por fornecer alimentos e bebidas gratuitamente em diversas ocasiões ao longo do romance; todos os moradores acolhem Paizinho e o cedem um apartamento para morar; já o CamaradaMudo e Edu se fazem companhia em suas crises:

- outra vez com febre, Edú?
- até não
- então foste buscar o termómetro para quê?
- para depois o Mudo ter que vir cá buscar, se não ele fica lá em cima sozinho e eu também, assim temos uma desculpa de conversa (ONDJAKI, 2013, p. 40)

As personagens deste núcleo são como uma comunidade de transparentes que tem em Odonato seu representante máximo. A transparência dessa personagem é a única aparente ao olhar, no entanto sabemos tratar-se de um símbolo por suas próprias palavras: “[...] não somos transparentes por não comer... nós somos transparentes porque somos pobres” (IDEM, IBIDEM, p.190); “a transparência é um símbolo [...] não é

todo o povo. há alguns que são transparentes. acho que a cidade fala pelo meu corpo...” (IDEM, IBIDEM, p.265). Em relação às citações feitas, vale ressaltar que essa invisibilidade não está associada somente a Odonato, mas à parte significativa do povo, os pobres; tal qual no título do romance, a transparência é um traço plural, comunitário.

Apesar de pouco falante, a figura de Odonato apresenta, durante todo o romance, uma forte austeridade e demonstrando contrariedade para com o presente luandense, como é demonstrado em sua fala “— passámos muitos anos, Xilibaba, em busca do que é bonito para suportarmos o que é feio. [...] já é hora de encararmos o que não está bem” (IDEM, IBIDEM, p.48). Frequentemente retratado como um sonhador saudoso do passado, Odonato não se encontra parado no tempo, pois reflete também sobre o futuro: “— é verdade, hoje é que entendi bem isso. tenho saudades em todas as direções, não tenho só saudades do passado. tenho saudades até de coisas que ainda não aconteceram” (IDEM, IBIDEM, p.189). Essa sua fala ilustra o desejo não de retorno a um passado idílico, mas sim da construção de um futuro alternativo. Odonato também contrasta com as figuras dos poderosos, opondo-se ativamente quando os fiscais DestaVez e DaOutra aparecem no PrédioDaMaianga e constroem os moradores, e, ao contrário da perspectiva que domina o livro, Odonato tira do senso de comunidade as suas forças de mobilização: “ – por acaso, vocês sabem quem sou eu? [...] eu sou parte deste povo! do povo angolano. o povo... conhecem essa palavra? é uma palavra cheia de gente!” (IDEM, IBIDEM, p.133).

É curioso, então, o desfecho dessa personagem. Enquanto a cidade queima em um incêndio causado pela sanha financeira dos ricos e poderosos, e os personagens da elite desaparecem, Odonato, o maior representante do senso de comunidade está tão leve que acaba voando pelos ares durante o incêndio. Ressalta-se aqui o simbolismo, na literatura angolana, da destruição da cidade de Luanda como expurgação de um projeto estético-ideológico não concretizado, a solidariedade em prol da liberdade (MACÊDO, 2008, p. 206-207). Projeto esse que consideramos não somente como não realizado, mas como irrealizável dentro dos moldes neoliberais, de tal modo que se torna ainda mais simbólica a permanência, na Luanda apocalíptica, apenas das personagens cujo emblema é o do companheirismo e da coletividade, das quais o líder maior era Odonato. Se a morte é um contragolpe na utopia, no desejo por um futuro outro, mas também é a

marca da redenção do bem sobre o mal (BLOCH, 2005, p.26), como podemos compreender a não-morte deste ser que flutua sobre as chamas de Luanda? Se por um lado, o fato de Odonato ser levado para longe pode implicar que não pertence ao futuro por vir, por outro, pode significar a resiliência dos mais pobres, tantas vezes desconsiderados pelas elites ao longo da narrativa. Desse modo, a sobrevivência das personagens que possuem ligação ao PrédioDaMaianga, convivendo com a explosão da cidade em chamas, estabelecem chave de leitura desse espaço enquanto protetor dos excluídos – [...] os três desciam agora em perfeita cegueira, guiados por uma espécie de ruído salvador que as águas, agora mais fortes, transmitiam a quem procurasse por elas [...] ali onde um maior fluxo de águas acontecia e janelas de oxigénio se pareciam abrir” (ONDJAKI, 2013, p. 392). Consideramos, então, que frente à hostilidade do fogo que se abre sobre a Luanda ficcional, “[...] os valores de proteção e de resistência da casa são transformados em valores humanos [...]. Contra tudo, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo” (BACHELARD, 1978, p. 227).

Devido à sobrevivência e ênfase nos trabalhadores conscientes, possivelmente protegidos por essa figura transparente indestrutível, é possível enxergar, ao final do livro, um momento de luta solidária, e não de medo ou imobilidade – vale pontuar a fala de uma mais-velha após o início do fogo: “ai, meu deus, começou outra guerra [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 385). Nota-se, a esse respeito, a continuidade do ideal comunitário no incêndio - “as mãos das mulheres atraíram-se, gesto delicado, quase secreto, mais para dividir receios que temperaturas [...]” (IDEM, IBIDEM, p.393). Desse modo, a comunidade criada dentro do Prédio mantém ideais utópicos de solidariedade que subsistem mesmo com a destruição de Luanda, “[a]ssim, além de todos os valores positivos de proteção, na casa natal se estabelecem valores de sonho, últimos valores que permanecem quando a casa já não existe mais” (BACHELARD, 1978, p. 208). As últimas palavras de Odonato podem, então, justamente representar uma imediatez combativa que supera tanto o passado nostálgico como a projeção sentimentalista do futuro, fazendo do presente o momento da ação – “acabou o tempo de lembrar, choro no dia seguinte as coisas que devia chorar hoje” (ONDJAKI, 2013, p.399), palavras usadas como alimento pelo galo caolho, e, quiçá, pelos demais sobreviventes na instauração de um outro futuro possível.

Considerações finais

Com base na leitura de “Os transparentes”, é notável que os espaços do romance estão associados às classes sociais que neles convivem. Enquanto os membros da elite parecem imunes às dificuldades estruturais da Luanda ficcionalizada, as personagens pobres possuem dificuldades materiais incongruentes com o momento histórico retratado, especialmente ao levar em conta a presença dos carros importados e de tecnologias vanguardistas para a extração do petróleo. Também o deslocamento das personagens trabalhadoras é de interessante destaque, pois elas só podem acessar os locais tipicamente destinados às elites em posições de serventia às mesmas.

Por isso, o PrédioDaMaianga parece surgir, no enredo, de modo a representar resistência às condições neoliberais vigentes. No edifício a princípio compreendido como degradado, a comunidade de transparentes se organiza em torno da figura de Odonato. O auxílio contínuo e o usufruto generalizado dos ambientes, inclusive com aval do próprio Prédio personificado, constroem um local de sobrevivência aos excluídos do sistema – inclusive a ponto de preservar suas vidas no momento em que a cidade incendiada parece prestes a morrer.

A respeito da repetição do motivo da destruição de Luanda na literatura angolana, pode-se considerar que a inexistência de membros das elites após o incêndio, aliado ao aparecimento dos mais pobres, pode apontar para uma possibilidade de futuro alternativo. Possibilidade essa que ganha força a partir do desfecho de Odonato, representante dos invisibilizados da cidade, não só porque ele voa para longe – potencialmente significando o final da sua necessidade de representação dos transparentes –, mas também porque sua sobrevivência em um formato distinto aponta para a impossibilidade de sua morte: os transparentes persistem.

Referências

ALMEIDA, M.G. As ambiguidades do ser ex-migrante: o retorno e o viver entre territórios. In: ALMEIDA, M.G. (Org.). **Territorialidades na América Latina**. 1 ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2009, p. 208-218.

ALMEIDA, M.G. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v.2, n.02, p.103–114, 2017. DOI: 10.5418/RA2005.0202.0009. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6617>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Bachelard, Gaston, 1884-1962: vida e obra**. Tradução de Joaquim José Moura Ramos *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-354.

BLOCH, E. Introduction. In: BLOCH, E. **The principle of hope**: volume one. Massachusetts: The MIT Press, 1996, p. 3-18.

CANDIDO, A. Dialética da malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, p. 67-89, 1970. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i8p67-89. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69638>. Acesso em: 15 set. 2023.

EAGLETON, T. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Editora ULISSEIA limitada, 1961.

MACÊDO, Tania. Luanda: violência e escrita. In: CHAVES & MACÊDO **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006, p. 175-187.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. Editora UNESP, 2008.

OLANDA, D.A.M.; ALMEIDA, M.G. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v.23, n.46, p.7-23, jul./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.5007/2177-5230.2008v23n46p7>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7>. Acesso em 15 nov. 2023.

ONDJAKI. **Os transparentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RODNEY, W. **How Europe underdeveloped Africa**. Bogle-L'Ouverture Publications, London and Tanzanian Publishing House, Dar-Es-Salaam, 1973.

ROCHA E SILVA, R. Apontamentos do materialismo para uma abordagem crítica das relações entre Literatura e História nos países africanos de língua portuguesa. **Revista Crioula**, [S. l.], n.9, 2011. DOI: 10.11606/issn. 1981-7169.crioula.2011.55361. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/55361>. Acesso em: 15 set. 2023.

SCHWARZ, R. Cultura e política, 1964-1969. In: SCHWARZ, R. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras.

WReC - Warwick Research Collective. **Desenvolvimento combinado e desigual**: por uma nova teoria da literatura-mundial. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

Submetido em 30 de setembro de 2023.

Aceito em 17 de novembro de 2023.